

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DOS SUJEITOS DA EJA

Isamara Grazielle Martins Coura

Faculdade Pitágoras – Betim MG.

Wilson José de Araújo

Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Centro de Educação Aberta e a Distância.

RESUMO: O presente artigo visa discutir a modalidade Educação à Distância (EAD) como uma possibilidade na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EJA é um campo da educação cuja finalidade é garantir o direito à educação àqueles que não tiveram acesso a esta na chamada “idade regular”. Entretanto, demonstra através de sua história vários momentos de avanços e retrocessos que acabam por caracterizá-la como um campo de luta permanente pela garantia do direito à educação com qualidade. A EAD é uma modalidade educacional que vem crescendo no Brasil e que tem sido pensada como uma alternativa também para EJA. Partindo então dessa perspectiva, pretendemos discutir a EAD como possibilidade para a EJA, levando em consideração as dificuldades apresentadas pelos sujeitos da EJA para ter acesso à escolarização, ocasionando sua exclusão social, sem deixar de lado a preocupação com uma educação de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Educação à distância; Inclusão social

1. Introdução

O artigo pretende refletir sobre as possíveis contribuições da educação a distância para a educação formal de jovens e de adultos. A idéia do artigo surgiu após discussões relacionadas às lutas da educação de jovens e adultos (EJA) durante os anos para se efetivar enquanto modalidade de ensino, assim como o desejo de acesso a uma escolarização de qualidade para todos os cidadãos brasileiros que se encontram privados desse direito e as possibilidades apontadas pela educação à distância (EAD), modalidade que vem crescendo em nosso país. As análises partiram da pesquisa de mestrado intitulada: “A terceira idade volta à escola: expectativas e motivações”, associada à experiência com educação à distância, promovida pelo Centro de Educação aberta e a distância da Universidade Federal de Ouro

Preto (UFOP), somadas à algumas leituras de referenciais teóricos que tratam tanto de EJA quanto de educação a distância.

A educação formal é ainda tida como um sonho para boa parte da população brasileira, que não teve acesso à escola. A partir dos relatos dos entrevistados para a realização da pesquisa de mestrado acima citada, foi possível notar como essas pessoas valorizaram e desejaram o saber escolar durante toda sua vida, uma vez que isto foi reafirmado por eles em vários momentos de suas entrevistas.

Se, quando crianças, na chamada “idade escolar”¹, houve obstáculos que impediram a concretização desse desejo, como ter saído para trabalhar, ajudar a manter a casa ou cuidar da mãe, quando jovens ou adultos não foi muito diferente. A idade avançou, em alguns casos, mudaram de estado civil, de casa, até mesmo de trabalho, mas as dificuldades para chegar a conquistar a escolarização continuavam a existir.

A falta de um saber formal foi percebida por vários entrevistados como um dos fatores que contribuiu para que ficassem, de certa forma, a margem da sociedade. Em alguns casos por se sentirem inferiorizados, e assim, se afastaram de alguns espaços e situações sociais, ou por não conhecerem seus direitos. Para Giovanetti (2006) a falta de acesso à educação formal é um dos fatores que deixa profundas marcas nos seres humanos, os quais vão, ao longo da vida, construindo uma auto-imagem marcada pela falta e pela negatividade. A partir do momento que voltaram a frequentar a escola, perceberam-na como fonte de acesso a uma participação social mais efetiva, enfrentando os desafios do cotidiano com mais coragem e elementos, adquiridos no processo de escolarização.

Muitos jovens, adultos e idosos ainda têm estado distante da escolarização formal e sem o contato com as novas tecnologias, que tem sido formas novas de socialização. Utilizar a EAD como forma de continuidade de formação para indivíduos que configuram os sujeitos da EJA, significa integrá-los à sociedade contemporânea e oferecer uma forma flexível de formação continuada. O processo de socialização dos indivíduos, das novas gerações ou os sujeitos da EJA, inclui a preparação desses para o uso dos meios técnicos disponíveis na sociedade, como o computador e o uso de internet. O parecer CNE/CEB/11/2000 destaca a Educação de Jovens e Adultos como uma promessa de desenvolvimento para todas as pessoas, de todas as idades. Segundo este a EJA possibilitará a *adolescentes, jovens, adultos e idosos atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas regiões do trabalho e da cultura.*

Para Belloni (2002) as diferenças entre uma sociedade e outra e os momentos históricos são as finalidades, as formas e as instituições sociais que se envolvem na

preparação desses indivíduos. A utilização da EAD como forma de continuidade do processo de socialização e escolarização dos sujeitos da EJA, é uma possibilidade que surge na medida em que entidades governamentais têm oferecido condições técnicas para o acesso ao computador e internet, para uma parcela crescente da população brasileira que estava fora da sociedade da informação.

2. Os percalços na tentativa de escolarização

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil pode ter como referência de seu início a presença dos jesuítas na catequização e na imposição cultural aos indígenas no Brasil colonial. É assim que se dá o início da história de alfabetização dos adultos no Brasil de acordo com Galvão e Soares (2004):

Os indígenas adultos foram submetidos a uma intensa ação cultural e educacional, embora os jesuítas priorizassem sua ação junto às crianças. Vale ressaltar que os jesuítas são considerados os principais agentes educativos do Brasil desde sua chegada em 1549 até 1759, quando foram expulsos pelas novas diretrizes da economia e da política portuguesa. (GALVÃO e SOARES, 2004, p.28 -29)

Desde este momento até hoje a EJA se caracteriza como um campo de luta pela garantia do direito à educação. Se tomarmos por base as políticas públicas em relação a esta modalidade educacional percebemos uma série de avanços e retrocessos que se alternaram durante as mudanças de governo no país.

Dentre as diversas características que se atribui a esta modalidade de educação a busca constante para que o direito à educação para todos, em qualquer idade, seja efetivamente garantido é, sem dúvida, uma das principais. Garantir educação gratuita e de qualidade a todos permite que se instale nas salas de aulas de EJA outra de suas grandes marcas: a diversidade. É comum encontrarmos nas salas de EJA pessoas que diferem quanto ao gênero, raça, religião e idade.

Embora tenham tantas características distintas, existe entre os sujeitos da EJA de uma forma geral uma semelhança. Nas pesquisas já realizadas é muito comum encontrarmos histórias de pessoas que desejavam escolarizar-se, mas foram impedidas pela falta de escolas ou pela necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento de sua família. Esse processo muitas vezes os levaram a uma posição marginal na sociedade e até mesmo a uma auto-imagem negativa. Sobre este fato ressalta Giovanetti (2006)

A vivência do processo de exclusão social, fruto do agravamento da desigualdade social que se expressa na falta de moradia, não atendimento à saúde, falta de oportunidade de trabalho, e, inclusive, não acesso à educação, é uma experiência que deixa profundas marcas nos seres humanos. São jovens e adultos que vão construindo ao longo de suas vidas, uma auto-imagem marcada pela falta e pela negatividade. (GIOVANETTI, 2006, p.245)

Durante a pesquisa de mestrado realizada por Coura (2007), os entrevistados apresentam também, através de suas histórias de vidas, momentos que se sentiram excluídos socialmente, ou em alguns casos, que se sentiam inferiorizados. A falta da escolarização ao longo da vida lhes privou de um emprego melhor, de saber lidar com algumas questões práticas do dia a dia e até mesmo de se sentirem a vontade em uma reunião familiar ou em sua comunidade por imaginarem saberem menos que os demais. Apresentaremos um breve perfil de alguns dos entrevistados², demonstrando o quanto desejavam a escolarização e como ela se manteve distante durante muitos anos em suas vidas, trazendo assim, alguns transtornos e até mesmo prejuízos de ordem social e econômica.

2.1. Elvira: “Era um dos meus sonhos, mas eu tinha medo de não conseguir.”

Ao falar de sua infância, Elvira relata que foi criada em uma fazenda onde não havia escola. Afirma que tanto ela quanto os irmãos não fizeram o primário. Para ela não houve preocupação por parte de seu pai em trazer uma escola para a fazenda para educar os filhos e que, sendo assim, tudo o que ela e os irmãos aprenderam em relação ao saber escolar foi com muita dificuldade. Até chegar ao Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos (PROF), nunca tinha frequentado uma escola:

Nunca fui à escola. Tudo que eu aprendi, aprendi assim, sozinha, sofrendo. Porque eu via as crianças fazendo dever, os meus filhos fazendo dever, aí eu ficava observando aquela letra o que era, né. E eu fui aprendendo. Tudo que eu aprendi, eu aprendi vendo as pessoas fazendo. (Elvira)

O falecimento do pai obrigou Elvira e seus irmãos a procurar uma forma de trabalho para se sustentarem. A necessidade de trabalhar cedo foi outro fator que a levou a ficar longe dos bancos escolares. Já estando casada e morando em Belo Horizonte, foi trabalhar na área de limpeza de um hospital na capital mineira. Durante este trabalho, uma freira ofereceu a oportunidade de mudar de profissão e ir trabalhar na área de enfermagem. Através da experiência adquirida, aposentou-se nesta área tendo trabalhado por vinte anos em Centro de

Tratamento Intensivo (CTI) de dois grandes hospitais de Belo Horizonte sem que, até então, tivesse frequentado alguma escola em sua vida.

Para Elvira a vida não lhe permitiu frequentar a escola antes de 2002. Se na infância a falta de escola na fazenda onde foi criada a impedira, quando adulta as obrigações com o trabalho, marido e filhos é que transformavam a escola num sonho distante. Era cozinheira e ela trabalhava em dois hospitais, saindo de um plantão para outro.

Quanto ao seu trabalho ela afirma que a escolarização lhe fez muita falta: *Nossa, era sofrido demais para mim saber que eu não sabia*. No trabalho muitas vezes foi necessário pedir a ajuda de outras pessoas para dar um medicamento a um paciente e em outros momentos exigidos em sua função. Além do trabalho, Elvira aponta ainda que a escolarização lhe fez falta na rotina do dia a dia como preencher um cheque, por exemplo, e até mesmo na convivência com seus familiares e amigos:

Meu negócio era ficar só na cozinha, né? Servindo o pessoal, fazendo comida. E a minha filha vivia me cobrando isso, as duas. “Mãe, a senhora tem que sentar. Participar das conversas dos colegas da gente. Porque que a senhora fica só na cozinha?” Mas era vergonha. É vergonha porque meus filhos são preparados, né? Sabem conversar. Eu não sei. Eu vou lá vou fazer eles passarem vergonha, porque eu vou ter um palavriado assim, pobre e eles vão ficar envergonhado de mim. Então, eu ficava mais afastadinha. (Elvira)

Na época da entrevista Elvira estava com sessenta e seis anos de vida e se encontrava no ensino médio presencial do Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos da UFMG (PEMJA).

2.2. Claudina: “Tem hora que eu fico pensando assim: gente, vai ser com 83 anos que eu vou me formar. Será que eu chego lá?”

Nascida e criada em Santa Bárbara, interior de Minas Gerais, Claudina era a única menina numa família composta por seis filhos. Estudou até a quarta série em sua cidade, na “idade regular”, mas a partir daí não foi mais possível continuar os estudos naquele momento, pois não havia escola em sua cidade para que pudesse fazê-lo. Afirma ainda que houve uma vez em que um médico, amigo da família, que trabalhava em um colégio de freiras na cidade vizinha de Itabira, lhe prometeu uma bolsa de estudos neste colégio. Entretanto, quando ela e a mãe foram em busca da bolsa essa já havia sido doada a outra menina e ela não pôde continuar a estudar.

Trabalhou durante trinta anos na prefeitura de Santa Bárbara. Por quatorze anos foi recepcionista, mas sempre era aproveitada em outras funções como oficial administrativo, coletora e substituta do chefe quando o mesmo saía de férias. Após quatorze anos como recepcionista foi transferida para a tesouraria da prefeitura, função na qual se aposentou. Além de suas atribuições dentro da prefeitura foi convidada para dar aulas no MOBREAL, onde ensinou algumas pessoas a escrever. Claudina lembra de sua experiência no Mobral com grande satisfação.

Em seu trabalho na prefeitura chegou até mesmo a substituir o prefeito em casos excepcionais quando este, seu vice e o presidente da câmara dos vereadores não se encontravam na cidade. Segundo Claudina, este foi um dos momentos da sua vida em que a baixa escolaridade mais lhe preocupava. Ela afirma que se sentia insegura demais, tinha receio de errar ao ter que resolver algum problema. Acredita ainda que a escolarização, além de ter podido facilitar a realização de suas atividades, poderia ter lhe proporcionado uma carreira política.

Apesar de ter tido vontade de continuar os estudos, as dificuldades enfrentadas por Claudina pela vida lhe impediam de ir à escola novamente. Casou, teve seis filhos e continuou cuidando de sua mãe. Com o passar dos anos a mãe adoentou-se e ao mesmo tempo seu marido também apresentou graves problemas de saúde. Foram seis anos cuidando da mãe e do marido, quando um ano após a morte de sua mãe foi a vez de seu marido falecer. Durante todo esse tempo a vida dela era tomada por seu trabalho, os seis filhos e os cuidados com seu marido e sua mãe tendo, portanto, que deixar de lado seus sonhos.

A idéia de voltar a estudar surgiu a partir de uma conversa com a filha que trabalha na UFMG e lhe falou da existência de um projeto de educação de jovens e adultos na universidade. Claudina diz:

Então fui para o projeto porque eu ia ficar em casa fazendo o quê? Ficar por exemplo em uma cadeira de balanço? Fazendo crochê? Fazendo um tricô? Cochilando, lendo um livro? Então menina, foi a melhor coisa do mundo que me aconteceu foi isso: voltar a estudar! (Claudina)

No momento da entrevista estava com oitenta e dois anos e cursando o primeiro ano do PEMJA. Sobre seu futuro apenas declara que vai até onde sua saúde permitir, ainda que seja de bengala. No entanto, em pelo menos um campo ainda deseja se aprimorar: a informática. Disse que ainda depende dos netos para fazer pesquisas na internet e utilizar o computador, mas que vai buscar sua autonomia também neste aspecto: *Estou dependendo ainda dos outros, eu não quero ficar dependente muito tempo não.*

2.3. Isabel: “Mas sempre lá dentro de mim eu tinha um sonho, sabe? E esse sonho foi passando, né? Até que um dia eu acreditei que tinha morrido esse sonho... mas só adormece”.

Nascida na cidade de Raposos, interior de Minas, veio morar em Belo Horizonte ainda com um ano de idade. Estudou até a quarta série em uma escola que funcionava anexa ao colégio Santa Maria. Segundo ela, o colégio Santa Maria recebia pessoas de toda Minas Gerais, mas era freqüentado apenas por filhos de famílias ricas. Para os mais pobres havia um anexo, gratuito, chamado escola Santa Catarina de Sena. Foi neste anexo que Isabel cursou o primário e que segundo ela não existe mais.

Sua vida escolar teve que ser interrompida não por falta de vontade de estudar, mas pela falta de oportunidade e pelos problemas familiares enfrentados naquela época. Isabel relata que Belo Horizonte ainda “era uma roça”, e além de ser difícil ter acesso à escola pela distância, ainda havia problemas financeiros impedindo que ela e os irmãos continuassem os estudos. Ela diz que os pais adoeceram e ficaram inválidos, levando os filhos ao trabalho muito cedo. Mas a vontade de um dia voltar a estudar estava presente dentro de si.

Isabel se casou, mas a condição financeira da família ainda era difícil. O tempo de Isabel era preenchido pelo trabalho e o cuidado com a família, mas o sonho de voltar à escola permaneceu apesar de haver momentos em que os outros elementos que compunham sua vida lhe sugassem tanta atenção que imaginou que esse sonho havia morrido: *Mas sempre lá dentro de mim eu tinha um sonho, sabe? E esse sonho foi passando, né. Até que um dia eu acreditei que tinha morrido esse sonho... mas só adormece.*

Depois de casada houve um momento que acreditou que poderia realizar este sonho. Aos quarenta anos Isabel voltou a estudar, mas logo após três meses de curso teve que parar novamente por estar grávida da sexta filha. Até chegar aos setenta anos não mais procurou escolarizar-se por achar que estava velha demais para estudar. Até que um dia pensou: *Engraçado, eu já estou com setenta anos. Não estudei, não morri. O que eu estou fazendo aqui? Vou estudar!*

2.4. Raimundo: *Eu pensei assim: eu não vou trabalhar mais para ninguém, eu não vou arrumar mais emprego, então eu vou estudar para adquirir aquilo que eu não adquiri quando eu era novo, né?*

Natural de Campanário, o senhor Raimundo morou até os seus quinze anos em um lugarejo, como ele mesmo denomina, que pertence ao município citado. Por ter sua mãe falecido quando ainda era garoto, o pai lhe deu a um casal de tios para que estes o criassem. Durante este período, trabalhou na roça ajudando a sua família e diz não ter tido oportunidade de estudar, pois além de no local onde morava não ter escola, quando demonstrava interesse em estudar, seus tios interpretavam como uma forma usada para se livrar das obrigações da roça e deixar de trabalhar.

Com quinze anos foi para uma cidade vizinha, hoje chamada Nova Módica, onde, através do MOBREAL, aprendeu as primeiras letras e palavras, assim como a assinar seu nome. Foi para esta cidade trabalhar em um restaurante durante o dia e aproveitava para freqüentar a escola à noite. Segundo ele, fez só até o terceiro ano, apesar de ter insistido com a professora para levá-lo até a quarta série. Já nessa época, o trabalho ocupava um espaço em sua vida que não lhe deu oportunidade continuar os estudos. Entre os anos de 1962 e 1963 foi transferido para Belo Horizonte vindo trabalhar no Ministério dos Transportes como motorista.

Se antes, quando criança, não foi possível estudar, a partir do momento que se casou a responsabilidade com a família deixou a escolarização ainda mais distante da realidade da vida do senhor Raimundo. Ele afirma que sua profissão não lhe permitia estudar, pois não havia um horário fixo para seus afazeres como motorista: *motorista é sempre o primeiro que chega e o último que sai*. Além do trabalho, a família foi crescendo e a responsabilidade de manter o sustento da esposa e dos doze filhos não deixava espaço para estudar:

Porque eu trabalhava na diretoria aí do DNER por exemplo e não tinha tempo também. Às vezes se fizesse força, né. Às vezes teria estudado. Mas tudo era mais difícil, olha, doze filhos para eu criar. Para dar da agulha a roupa, né. Então a gente... é difícil. Às vezes eu viajava... Então eu nunca tive assim, oportunidade. (Raimundo)

No período da pesquisa, com seus setenta anos de idade, morava há quarenta e dois anos em Belo Horizonte, encontrava-se aposentado, mas ainda faz alguns trabalhos como motorista, e cursava o ensino fundamental no (Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos) PROEF II na UFMG.

Raimundo reconhece que a escolarização fez muita falta em sua vida, mas não se culpa por não ter conseguido concluir seus estudos enquanto estava mais jovem. Tem consciência de que as condições em que vivia não lhe deram esta oportunidade. Acredita que

poderia ter conseguido um emprego melhor se tivesse estudado mais quando era mais jovem. Conta que, por toda a vida, sentiu vontade de ter estudado para assim “ser alguém na vida”.

2.5. Ivan: “Eu tinha muita vontade de ter estudado, sabe? Continuar meus estudos, né? Porque eu via meus filhos todos inteligentes aí. Eu também me acho inteligente, só não tive oportunidade para estudar.”

Na época da entrevista com sessenta e quatro anos de vida, Ivan mora há sessenta e um anos em Belo Horizonte. Concluiu a quarta série enquanto era criança tendo passado por duas escolas em Belo Horizonte: Escola Estadual Helena Pena, localizada no bairro Sagrada Família e Escola Estadual Mariano de Abreu, situada no bairro Cachoeirinha, na qual recebeu seu diploma da de quarta série. Segundo ele, apesar da vontade de continuar seus estudos, a falta de colégios lhe impossibilitou avançar mais no que diz respeito à escolarização.

Afirma que nesta época, na cidade de Belo Horizonte havia poucos colégios e dentre estes, nenhum ficava próximo à região em que moravam, além disso, eram particulares. Como ele era uma criança de classe popular, não tinha acesso a estes, pois lhe faltava condição para pagar até mesmo o transporte para chegar aos colégios.

A morte dos pais também foi outro fator apontado por Ivan como tendo sido um elemento que dificultou a continuidade de seus estudos. Ele conta que ficou órfão muito cedo, e juntamente com os cinco irmãos, teve que trabalhar para sobreviver. Além disso, ressalta que a ausência dos pais refletiu não apenas na parte financeira, visto que tiveram que trabalhar muito cedo, mas também na parte educacional, uma vez que não tiveram quem os incentivasse a estudar, ou mesmo quem os alertassem para a importância dos estudos.

Ivan acredita que a escolarização lhe fez falta em muitos pontos de sua vida, mas, principalmente, para ter conseguido uma profissão que ele considera como sendo mais leve. Ivan trabalhou durante muitos anos na construção civil e se aposentou por invalidez por ter passado por diversos problemas de saúde como hérnia de disco, ter sofrido um transplante renal, uma ponte de safena e três angioplastias. Ele diz: *Se eu tivesse mais conhecimento, trabalhava em um serviço mais leve e talvez não tivesse esse tanto de doença que eu tive, né?*

Os relatos acima confirmam o quanto a escola, apesar de ser um desejo de muitos, apresenta-se distante diante das dificuldades encontradas durante a vida. Além da falta de escola próxima e da necessidade de se dedicar ao trabalho e à família, os quais fizeram com

que só fosse possível frequentar uma sala de aula após seus sessenta anos de idade, uma das entrevistadas nos aponta um outro fator que se torna um complicador na vida de jovens, adultos e idosos, que desejam se escolarizar: a distância.

Isabel para realizar seu sonho de estudar conta com sua determinação, já que anda dez quarteirões a pé todos os dias até chegar ao ponto do ônibus que a leva à UFMG. Conta ainda com os filhos e netos para buscá-la no ponto, quando volta da aula, uma vez que seu retorno ocorre por volta das dez da noite e torna-se muito perigoso voltar a pé. Isabel é um caso que podemos dizer que tem sido bem sucedido, pois além de sua disposição conta com seus familiares. No entanto, essa nem sempre é a realidade de outros tantos que buscam a conclusão de seus estudos.

3. A Educação de Jovens e Adultos na modalidade EAD no Brasil

A Educação a Distância é hoje uma realidade em vários níveis e modalidades de ensino no Brasil. A cada dia os cursos a distância são oferecidos em maior número para cursos de graduação, pós-graduação, cursos preparatórios para concursos e até mesmo na EJA. As leis que tratam da educação no país também vêm se preocupando em discutir e em determinar algumas diretrizes para o funcionamento de tais cursos.

Um dos temas tratados no parecer que trata sobre as Diretrizes Operacionais de EJA³ de 2008 aprovado pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação – CNE foi exatamente a Educação de Jovens e Adultos por meio da Educação à Distância. Dentre os quinze grupos que estudaram a temática relação entre EJA e EAD, nas três audiências públicas realizadas em 2007, sete salientaram que a relação entre EJA e EAD é um tema muito recente nos meios educacionais e que, portanto, ainda possuem muito pouco conhecimento sobre o assunto e destacaram a necessidade de desenvolvimento de estudos aprofundados sobre essa relação, para obterem maior compreensão das reais possibilidades da Educação a Distância em EJA.

Deste grupo, um, mesmo tendo pouco conhecimento a respeito do tema, reafirma a importância da EAD para a EJA, reconhece que “faltam muitos esclarecimentos, principalmente no que se refere à própria estrutura, tal como a questão do financiamento”; outro grupo salientou a importância dessa relação, especialmente “junto àqueles adultos que não podem frequentar diariamente uma sala de aula e que têm o seu tempo de estudar”. Além destes, outro se referiu as formas de cursos a distância pela TV e outros formatos presentes

em épocas anteriores, mas destacaram que a questão que agora se apresenta, de forma diferente, “passa a ser focada privilegiando o uso de tecnologias da informação e da comunicação”.

O fato é que a Educação a distância vem se apresentando como uma possibilidade interessante, no que tange a Educação de Jovens e Adultos. É nesse sentido que dois projetos de EJA/EAD vêm apresentando bons resultados. Um deles encontra-se na cidade de Santos, na comunidade da Ilha Diana, e o outro oferecido pelo Serviço Social da Indústria (SESI) do Rio Grande do Sul, atendendo a educandos do ensino fundamental e médio.

O primeiro projeto acima referido surgiu após a verificação, no ano de 2006, por parte da Supervisão de Ensino da cidade de Santos, de uma situação singular de uma comunidade rural localizada numa ilha fluvial, chamada Ilha Diana. Tal comunidade apresentou um grande número de jovens e adultos que não haviam completado o ensino fundamental, tendo como principais causas a distância e o transporte precário dessa comunidade até o centro urbano. Segundo o texto “Preparando para o ENCCEJA/EAD Ilha Diana – Monte Cabrão – Caruara”, o transporte é feito apenas por meio de barco com hora marcada até as 20 horas, o que impede os sujeitos de freqüentarem uma escolar regular na área urbana.

Na tentativa de melhorar a qualidade de vida da população da Ilha Diana, foram feitas negociações entre diversos segmentos da Secretaria de Educação de Santos, envolvendo a Seção de Educação de Jovens e Adultos (SEJA) e o Núcleo de Educação a Distância (NuED) para implantação do projeto na Unidade Municipal de Educação Rural (UMER). Conseguiram a infra-estrutura necessária para manutenção e instalação dos computadores, mas alguns problemas estruturais ainda apareciam como, por exemplo, falta de constância de energia elétrica. Para solucionar tal problema, conseguiram um gerador de energia à gasolina.

Havia na UMER dois Professores Orientadores de Informática Educativa (POIEs) que diariamente davam suporte técnico pedagógico para que os estudantes executassem as atividades propostas pelos professores de plantão na sede do NuED. Os alunos fizeram inscrição no Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA/2007) quando 61% deles foram certificados. Tal resultado levou a Secretaria de Educação de Santos a ampliar este projeto piloto para duas outras comunidades: Monte Cabrão e Caruara. O texto sobre tal projeto revela a seguinte conclusão:

“Neste projeto os educandos utilizam o computador como parceiro do conhecimento e ferramenta de aprendizado, pois nele encontram-se infinitas maneiras para que seus conhecimentos sejam dilatados. As ferramentas existentes no computador, como a internet e os instrumentos do ambiente TelEduc⁴ (mural, portfólios ,atividades etc),

são instrumentos também para a inserção no mercado de trabalho cada vez mais competitivo.” (BRANCO, CHIANDOTTI e ROCHA p.7)

Já no Rio Grande do Sul o projeto de EJA/EAD é ofertado aos industriários, seus dependentes e comunidade em geral para conclusão do Ensino Fundamental e Médio. A metodologia utilizada se baseia na Pedagogia de Projetos, partindo de um tema gerador e os alunos possuem atividades e avaliações na modalidade presencial, oferecidas em quatro períodos por semestre letivo. Segundo o texto “Alternativas didáticas atuais na EJA/EAD Consciência de Mundo”:

“Para o trabalhador que procura a EJA esta modalidade de EAD surge como uma possibilidade tangível e acessível para complementação dos estudos, obtenção do reconhecimento formal de suas aptidões e conhecimentos empíricos e maneira de manter-se como elemento ativo dentro de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo...” (CORREIA, ESPÍNDOLA, e PELLEGRINI, p.6)

No caso do projeto realizado pelo SESI do Rio Grande do Sul foi utilizada uma mistura de atendimento presencial em horários pré-definidos através da escolha do estudante e materiais impressos, os quais caracterizavam os elementos que compunham a modalidade a distância. Para tanto, contaram com três professoras-tutoras que trabalharam nas seguintes áreas do conhecimento: Ciências Matemáticas e suas tecnologias, Códigos de Linguagens e suas tecnologias e Sócio-histórica e suas tecnologias.

Para as autoras do artigo “Alternativas didáticas atuais na EJA/EAD Consciência de Mundo” cada vez mais pessoas que não conseguiriam frequentar um modelo de educação presencial vêm procurando a Educação a Distância como alternativa. Afirmam ainda que, a modalidade EAD tem propiciado ao educando maior responsabilidade em relação aos seus estudos, gerando maior autonomia dos sujeitos e os tornando cada vez mais ativos no seu processo de aprendizagem, uma vez que são eles quem escolhem e determinam seu ritmo de estudo.

4. Conclusão

A partir das discussões apresentadas pode-se perceber que atualmente a Educação a Distância tem sido vista como uma forma de acesso à educação em variados níveis de ensino e que tende a crescer ainda mais, sendo inclusive, parte constitutiva das legislações

educacionais vigentes. A aceitação da EAD por parte dos educandos se dá, na maioria das vezes, pela flexibilidade de horários e organização do tempo para o estudo, o que para os sujeitos da EJA também é tido como ponto positivo.

É necessário destacar, no entanto, que o modelo de Educação a Distância apresentado como uma alternativa ao acesso à escolarização de jovens, adultos e idosos, espalhados por todo o Brasil, deve se pautar pela qualidade. Qualquer modalidade educacional que se pretenda elevar o nível de escolaridade do povo brasileiro tem que se preocupar com a formação deste enquanto cidadão, e não apenas como decodificador de linguagens ou detentor de um diploma. O acesso à educação deve garantir aos educandos elementos que os permitam reconhecer seus direitos e deveres na sociedade, assim como se perceber como agente transformador e sujeito histórico.

Sendo assim, podemos perceber que a Educação a Distância se apresenta como uma possibilidade de garantir acesso à educação àqueles que tiveram esse direito negado durante sua vida, o que não são poucos no Brasil. No entanto, assim como foi ressaltado no parecer referente à resolução das Diretrizes Operacionais de EJA de 2008 aprovado pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, questões como a estrutura e financiamento devem ser observadas. Especialmente no que tange à estrutura desses cursos, devem ser analisados os suportes oferecidos para os educandos para que eles realmente alcancem as habilidades pretendidas.

Referências:

- BELLONI, M.L. (2002) Ensaio Sobre Educação a Distância no Brasil. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril.
- BRANCO, Adylles C., CHIANDOTTI, Guiomar A. G. e ROCHA, Rosineide M. Preparando para o ENCCEJA/EAD - Ilha Diana- Monte Cabrão - Caruaru. Disponível em: www.abed.org.br/congresso2008/tc/59200864841PM.pdf
- CORREIA, Mariana, ESPÍNDOLA, Karen e PELLEGRINI, Ieda. Alternativas didáticas atuais na EJA/EAD consciência de mundo. Disponível em: www.senacead.com.br/anais/encontro08/leda_1220979360.pdf. Acesso em: 15/03/2010
- COURA, Isamara G. M.(2007) *A terceira idade na Educação de Jovens e Adultos: expectativas e motivações*. UFMG.(Dissertação de Mestrado)
- GALVÃO, Ana Maria de O. e SOARES, Leôncio José Gomes.(2004) História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges C. e LEAL, Telma Ferraz (Orgs.) *A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, p.27-58.
- GIOVANETTI, Maria Amélia. G. de C.(2006) A formação de educadores de EJA: o legado da Educação Popular. In: SOARES, Leôncio J. G., GIOVANETTI, M. A. G. de C. e GOMES, N. L.(Orgs.) *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed.

PARECER CNE/CEB/11/2000 SOBRE AS DIRETRIZES CURRICULARES PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Disponível em: www.mec.gov.br Acesso em: 23/01/2010

PARECER CNE/CEB Nº 23/2008 SOBRE AS DIRETRIZES OPERACIONAIS DE EJA APROVADO PELA CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CNE APROVADO EM 8 DE OUTUBRO DE 2008. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em: 12/03/2010.

¹ O termo está entre aspas, pois acreditamos não haver, necessariamente, apenas uma faixa etária que corresponda à idades destinadas à escolarização.

² Os nomes dos entrevistados apresentados aqui são fictícios.

³ O parecer foi aprovado em 2008 e aguarda homologação.

⁴ TelEduc- Nome da plataforma utilizada para desenvolvimento do projeto.